

O PATRIMÔNIO LOCAL VALORIZADO PELAS AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU CAMPOS GERAIS

ELIZABETH JOHANSEN*
SUZIMARA FERREIRA DE SOUZA**

A primeira ideia que tradicionalmente nos vem à mente quando falamos de museus refere-se àquele ambiente que visa à preservação de algo. No entanto, essa é apenas uma parte da cadeia operatória de um museu, visto que é a partir da íntima relação entre salvaguarda (pesquisa, conservação e restauro) e comunicação (exposição, ação educativa, difusão cultural) que sua função social se efetiva. Com facilidade ainda encontramos pessoas que erroneamente vêem a instituição como um espaço que não possui ligação com a educação em seu sentido mais amplo. Por outro lado, atualmente, muitos teóricos defendem o museu-fórum, ou seja, um local em que as exposições e todas as ações desenvolvidas sejam organizadas de forma a constituírem um argumento crítico, que permitirão ao visitante pensar e construir conhecimento sobre o tema exposto. De acordo com Ramos (2001: 20), é fundamental relacionar o tema com o presente, favorecendo o diálogo com a realidade próxima. Somente assim é possível que haja uma construção coletiva de conhecimento. Para tanto, os museus devem apresentar a sociedade como composta por conflitos de interesses, de valores, de classes, enfim, de diferenças inerentes a todas as comunidades.

Segundo a definição de museus presente no Estatuto do Comitê Brasileiro do ICOM, artigo 6º, o museu é definido como sendo uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Esta instituição é aberta ao público e adquire, conserva, pesquisa, comunica evidências materiais do homem e de seu ambiente, para fins de pesquisa, educação e lazer (CRUZ: 1993). Portanto, o museu pode não ser um espaço escolar formal, mas com certeza é um espaço educacional.

* Mestre em História, professora assistente do Departamento de História e diretora museológica do Museu Campos Gerais – UEPG, eliza.j@uepg.br.

** Graduada no curso de Bacharelado em Turismo pela UEPG e ex-estagiária do Museu Campos Gerais – UEPG, f_suzi@hotmail.com.

Partindo desse pressuposto, o museu deve ser reconhecido como um guardião da memória social no mundo contemporâneo, constituindo-se em um local privilegiado para refletirmos sobre o passado, o presente e o futuro.

Em seus estudos Russio pondera essas questões destacando vários aspectos relevantes à análise dos museus e da museologia. Segundo a autora, a museologia é uma ciência em construção cujo objeto de estudo não está concentrado no museu, visto que seu objeto de estudo é o fato museal, ou seja, a relação existente entre homem/sujeito e o objeto/bem cultural num espaço/cenário denominado museu. Tudo isso participando da mesma realidade em transformação. (RUSSIO: 1994)

Também analisando os museus, mas a partir de outra ótica, Brefe explica que uma das primeiras coisas que devemos fazer é pensar sobre a ideia de *tempo*. De acordo com a autora, o tempo por mais que se evite simplesmente escoar, passa, mas também se conjuga com o tempo que dura. Essa relação dual e oposta se materializa no museu, pois, ao mesmo tempo em que essa instituição se volta ao passado, representa valores do presente e projeta o futuro, visto que “o homem se consola com aquilo que ele é por aquilo que ele foi”. (BREFE: 1998, 282)

Ao observar elementos passados constitutivos de sua comunidade o ser humano pode se reconhecer, o que quer dizer que ele referenda a memória-história exposta no museu, seja ela oficial ou não, como também pode não se identificar e, dessa forma, o objeto exposto perde o sentido, pois não representa mais a história daquele grupo humano específico. (FERREIRA: 2010, 21)

A partir dessas considerações analisaremos agora o Museu Campos Gerais com suas escolhas feitas, ou seja, as ações educativas e de difusão cultural desenvolvidas no decorrer do ano de 2009 e subsequentes.

O Museu Campos Gerais (MCG) surgiu na década de 1940 a partir de iniciativas da sociedade civil local, mas somente em 1983, como instituição vinculada à Universidade Estadual de Ponta Grossa, é que conseguiu uma sede própria instalando-se no prédio do antigo Fórum da Comarca de Ponta Grossa, que mantinha suas características arquitetônicas originais de estilo eclético e sua figura imponente ao lado da praça da catedral.

Em 2003, o MCG mudou-se para o prédio do antigo Banestado, localizado na mesma quadra, para que seu edifício original passasse por um processo de restauração permanecendo nesse endereço desde então. Este espaço atual, situado no coração da cidade de Ponta Grossa, tem sido exemplo de como os patrimônios culturais podem ser

recursos educacionais e de inclusão social. Para isso, as ações educativas comprometidas com a construção de um museu democrático fundado no diálogo constante entre comunidade, cultura e educação são os caminhos para funcionalizar as intenções educacionais desta instituição.

O museu sendo utilizado como mais um espaço educacional, aponta significados estruturais da educação, seja como meio de se alcançar um determinado fim/conhecimento, seja como alternativa metodológica para a compreensão do público. Considerando-se o acervo e a narrativa disponível em uma instituição museológica é possível pensar em possibilidades de criar no público visitante – seja este um grupo de pessoas desejosas de visita guiada, um visitante eventual ou uma turma de escola – a possibilidade de transportá-lo de um papel de expectador para um papel de ator histórico, fazendo-o tomar consciência de sua integração com a história ali retratada, sua própria história e um pertencimento coletivo de maior abrangência, como por exemplo, o pertencer a uma cidade. Sendo assim, o museu efetivamente atua como agente de educação patrimonial.

Com base no público-alvo do museu composto principalmente por alunos de todos os níveis de ensino é que se buscou uma atividade didático-pedagógica que contribuísse para a formação de agentes sociais transformadores. Dentre as possibilidades existentes, a primeira ação escolhida e posta em prática foi a monitoria assistida. Este tipo de visita conta com o acompanhamento feito pelos estagiários, acadêmicos da UEPG oriundos de diferentes áreas do conhecimento. No presente momento o MCG conta com estagiários dos cursos de Bacharelado em História, Licenciatura em História, Bacharelado em Turismo e Licenciatura em Biologia. As monitorias podem ser ou não agendadas previamente dependendo da disponibilidade da instituição e da quantidade de visitantes.

Atualmente muitas são as formas de promover e instigar um visitante durante a monitoria. O MCG busca em suas atividades monitoradas encerrar a incomunicabilidade entre espaço museal e espaço da comunidade. Aproximar estes espaços num mesmo território pode parecer um desafio, porém, deve ser entendido como um caminho. Visto que, a partir do momento que o acervo, as exposições e as atividades desenvolvidas no museu sejam representativas para os habitantes dessa comunidade, pode ser estabelecida uma relação afetiva do visitante com o objeto

observado. Essa *relação afetiva* é que transforma o espaço museu em lugar museu, vivenciado, reconhecido e usufruído pelo visitante. Exatamente o que o ICOM apresenta como finalidade de um museu, ou seja, espaço de “pesquisa, educação e lazer” (CRUZ: 1993).

Os monitores são preparados para explicar não somente o que cada obra ou peça exposta representa em si, mas como ela se insere na vida e na percepção do público acerca da sua realidade. Todas estas informações baseiam-se em um material didático formatado pelo museu, ou seja, uma apostila que funciona como um suporte aos monitores em relação às informações que estes transmitem aos visitantes. Dessa forma, busca-se a construção de um discurso informativo fundamentado em pesquisas realizadas pelos próprios acadêmicos/monitores e que ao mesmo tempo se torne próxima do visitante. Além disso, a visita monitorada proporciona um contato mais direto entre visitantes gerando uma atmosfera agradável e propícia a questionamentos e troca de ideias. O contato pessoal possibilitado pelas visitas reflete a competência do ambiente museal em manipular objetos, mas, também sua habilidade em se comunicar e se relacionar com as pessoas.

Por meio das monitorias buscamos entender uma determinada comunidade e retomamos o fato museal citado no início do texto, promovendo um trabalho interdisciplinar que pretende aproximar diversas áreas do conhecimento para poder estabelecer uma efetiva relação entre homem/sujeito e objeto/bem cultural. O trabalho interdisciplinar sugerido é observado tanto na diversidade de temáticas apresentadas no museu em suas diversas exposições de longa duração, quanto na origem dos monitores, pois provenientes de campos do conhecimento distintos, apesar de interligados, propiciam ao visitante olhares conceituais distintos. Permite também a transversalidade, articulando temas dos mais variados, como: saúde, arte, história, memória, esporte, educação, lazer, religião, trabalho, turismo, ciência, entre tantos outros.

No museu o significado é construído a partir de um objeto, uma situação ou contexto em que este objeto se insere. No entanto, o significado que cada um constrói depende inclusive de seus pares, isto é, aqueles que compõem a comunidade significativa de formadores de opinião (família, escola, círculo de amigos, figuras públicas). Assim, é possível observar a migração do interesse e atenção do visitante postado apenas em acervos e exposições para atuações proativas de socialização,

recreação, educação e cidadania. Ao estabelecer a comunicação entre visitante e museu por meio de monitorias minimizamos ou reformulamos uma linguagem de entendimento e contextualização a partir dos espaços expostos aos visitantes. Neste cenário, é possível observar a emergência de formas inéditas de experimentação do conhecimento e/ou vivência cultural a partir das experiências anteriores de cada visitante.

Assim como um livro ou um contador de histórias, o museu é um espaço que relata uma história com uma narrativa própria, apresentando objetos com variadas significações e valores. É uma instituição que educa, contribuindo para a construção do conhecimento ou, simplesmente, distrai. Sendo assim, apresenta uma narrativa específica, pois, assume o papel de narrador mantendo com o visitante uma relação de narrador-ouvinte, deixando sua marca na exposição da narrativa e exigindo do interlocutor o entendimento desse conhecimento construído. Porém, é imprescindível que ao analisarmos a narrativa museológica tenhamos em mente que os objetos expostos não são a representação da realidade dos acontecimentos a que nos remetem, mas uma escolha consciente do que e do por que tais objetos são expostos, além da maneira como serão dispostos para criar no visitante o sentimento desejado.

Para desenvolver tal análise partimos do entendimento que o museu é uma instituição que desde o momento de sua criação possui um objetivo bem claro: a constituição e a preservação de uma determinada memória, que pode ser oficial ou não, conforme a época e o modelo histórico escolhido para gerenciá-lo. (FERREIRA: 2010, 22)

Nesse sentido, percebemos que a própria disposição do acervo exposto, a maneira como ele foi elaborado, é um indício que nos permite obter interpretações diversas de um fato ou acontecimento retratado. Podemos, inclusive, notar como a própria história da instituição interfere e influencia na descrição dos contextos ali explicitados. Assim sendo, há uma interconexão da história do museu com a história que ele narra, há uma relação diretamente estabelecida entre o espaço, os objetos que ocupam esse espaço e a narrativa construída a partir dessa relação. Por exemplo, o Museu Campos Gerais surgiu a partir da iniciativa de intelectuais locais desejosos de “reunir bens culturais do patrimônio histórico da região dos Campos Gerais” (<http://www.pitangui.uepg.br/museu/historico.php>). No entanto, na trajetória de suas

ações/direções o MCG construiu um acervo representativo da diversidade cultural ponta-grossense, mas não campesina. Portanto, seu discurso expositivo atual é essencialmente local e não regional, como seu nome propõe.

Diante da complexidade em organizar uma exposição ou um ambiente dentro do museu de modo que o visitante entenda a essência dos objetos bem como se reconheça nas esferas sociais, econômicas e históricas que estes espaços representam é fundamental pensar e organizá-lo de forma que contemplem os objetivos predeterminados. Buscando contemplar esses propósitos a administração do MCG utiliza como artifício o rearranjo constante dos acervos proporcionando assim, um fio condutor durante as visitas. Esta reorganização periódica representa outra importante ação educativa junto à comunidade que visita o museu, de modo que oferece múltiplas visões e aspectos desses mesmos acervos.

Reconhecendo o MCG como um *Museu Tradicional do Tipo Interativo*, nos preocupamos com a ênfase na percepção do visitante e também com o tempo que disponibiliza para percorrer toda a exposição. Por isso, buscamos valorizar os conjuntos e não apenas os objetos isolados. Para favorecer tal prática não estabelecemos roteiros fechados de visitação, nem delimitamos espaços, assim, defendemos que a compreensão só é possível com a relação do visitante com o material exposto.

O constante remanejamento do rico acervo do MCG composto por mais de 11.000 documentos incluindo objetos tridimensionais, livros, revistas, jornais, bem como um considerável acervo iconográfico e fonográfico permite disponibilizar espaços diferenciados, demonstrando que a instituição não apenas recolhe fragmentos da comunidade ponta-grossense e região, mas proporciona ambientes contextualizados levando o visitante ao reconhecimento e a ressignificação da história. Para o estabelecimento de uma lógica explicativa durante as visitas o rearranjo dos acervos ocorre periodicamente seguindo temáticas que contemplem as diversificadas peças que se encontram acondicionadas nas reservas técnicas ou mesmo uma reorganização no layout visual do que já está exposto proporcionando uma mudança de percepção e uma surpresa àquele inserido ou que se insere no espaço.

Considerando que os contrastes físicos entre os objetos não são observados segundo suas diferenças objetivas, ou seja, características como o material de que é feito, a textura, o formato e, portanto, não são capazes de estabelecer o significado em

si, demonstra-se que isto só é possível por meio da interpretação dos objetos visualizados. Enfim, a organização do nosso mundo físico constitui um processo semiótico, que não é diferente da estruturação de exposições dentro de um museu. Dessa forma, existe uma relação estreita entre o objeto em si e a interpretação, ou seja, a leitura que o visitante faz do mesmo.

Reorganizar e rearranjar o acervo representa um processo cultural, que de acordo com os interesses da instituição em questão conduz o visitante por uma lógica histórica, econômica, religiosa, social e até mesmo política.

Outra ação educativa efetuada pelo MCG a partir de 2009 refere-se a fornecer ferramentas aos professores que queiram levar seus alunos ao espaço cultural. Baseando-se na dificuldade que muitos educadores apresentam para organizar roteiros estabelecendo prioridades e relevâncias que estejam de acordo com os conteúdos abordados em sala de aula, formulamos uma série de roteiros para visitas, levando-se em consideração a faixa etária dos alunos, os conteúdos programáticos e as temáticas que o acervo museológico apresenta.

Ao mesmo tempo em que se oferecem roteiros preestabelecidos, mas não fechados, o MCG busca verificar quais os motivos que levaram esse professor e sua turma ao museu, quais os objetivos da visita, como ela se relaciona com o que está sendo ensinado e como os alunos percebem o lugar visitado. Possuímos essa preocupação, pois comungamos com os posicionamentos defendidos por Ramos (2001, 22) e Bittencourt (FENELON: 2004, 355) que defendem que se nós aprendemos a ler as palavras, precisamos exercitar a leitura dos objetos, pois assim temos condições de observar a história que há na materialidade das coisas. Invertendo o olhar de curiosidade a respeito das peças existentes no museu para um olhar de questionamento, de busca por informações, aumentamos a possibilidade de aquisição de conhecimento sobre os homens e sua história.

Entendendo que em todas as atividades executadas pelo homem enquanto ser social é necessário que ocorra o planejamento, compreendemos que a estruturação de uma visita por parte dos educadores antes de levar seus alunos ao museu é fundamental. Baseando-se nesse pressuposto entramos em contato com o maior número de professores da região via e-mail e encaminhamos aos mesmos um material de apoio contendo sugestões sobre como conduzir suas visitas. Após aguardar alguns dias

iniciamos o feedback deste primeiro contato. Nesse segundo momento enviamos roteiros com assuntos separados principalmente por temáticas, com objetivo de oferecer suporte para que os próprios professores estruturarem suas atividades fora da sala de aula envolvendo o museu.

Enfim, diante do entendimento de que uma visita que não tem preparo prévio pode ficar esvaziada, ou seja, ser uma simples visitação em que a melhor parte para os alunos é o trajeto entre a escola e o museu, o MCG defende que os professores devem estar em contato constante com o museu para desenvolver um trabalho conjunto que vise efetivamente “marcar” o aluno, imprimindo algum conhecimento. Assim como Nascimento, defendemos que “aquele que visitar um museu e não sair modificado não o visitou realmente”. (2004: 12)

Os educadores contam ainda com outros materiais de apoio tal como um guia de visitação explicativo, contendo o histórico da instituição e informações básicas para visitas monitoradas, que serve também para aquele visitante que chega aleatoriamente disposto a conhecer o museu. Outra alternativa para explorar as informações organizadas pela instituição ao longo de sua existência e que pode ser considerada como uma ferramenta de ação educativa de alcance global é o site do MCG (www.uepg.br/museu). Este foi recentemente reformulado adquirindo um layout visual prático e sugestivo. A partir dessa reformulação tornou-se possível encontrar toda a estrutura da instituição, os serviços oferecidos, as notícias, os eventos realizados, além de um espaço para pesquisadores onde são disponibilizados downloads dos inventários que gradativamente são construídos pelos funcionários que trabalham no setor de pesquisa. Como o site é alimentado constantemente com novidades busca-se favorecer a troca de informações entre pesquisadores interessados e a instituição promovendo a produção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se na presente pesquisa a necessidade de ações para que exista a aproximação e constante relacionamento do visitante com o museu. Especificamente no Museu Campos Gerais, enquanto museu universitário, cuja missão principal se faz em oferecer suporte ao ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas na região, a aplicação de

monitorias, o fornecimento de material aos professores e o rearranjo de suas exposições e materiais de divulgação complementam a formação e a reformulação de diferentes saberes em alunos e/ou visitantes.

A fim de atingir os objetivos propostos as ações foram e continuam sendo executadas da seguinte forma: por meio das monitorias atingimos o público de maneira direta. Há um contato pessoal entre visitante (comunidade) e monitor (museu) sendo o primeiro passo para estabelecer uma linguagem de comunicação entre os atores que atuam no palco museu. Estas monitorias vêm sendo oferecidas por meio do guia de visitação, do site, do contato com escolas consideradas como público alvo da instituição e diretamente a quem chega ao museu.

Com a utilização da internet como ferramenta de acesso rápido aos mais diversificados pontos da cidade de Ponta Grossa e região enviamos roteiros para divulgar e estruturar todas as visitas feitas por agendamento. Além disso, o site reformulado e alimentado constantemente oferece qualidade e expectativas de futuras transformações nos indivíduos e conseqüentemente no meio em que estão inseridos.

Os roteiros foram enviados a todas as escolas públicas estaduais e municipais, além dos estabelecimentos particulares de Ponta Grossa e região, alguns responderam com sugestões, outros agradeceram, mas em sua maioria o feedback foi negativo, ou seja, a maior parte das escolas/professores não responderam o que pode apontar caminhos e desafios de trabalho para a equipe desta instituição museológica. Verifica-se com isso a falta de interesse e envolvimento por parte das escolas em relação ao museu, ao mesmo tempo em que abre novas possibilidades de ações educativas a serem pensadas e implementadas pela equipe. Naturalmente sendo uma ação em desenvolvimento é necessário criar o hábito de trazer a comunidade para dentro das dependências do museu, assim como levar o museu a extramuros.

Ao longo do tempo, as relações entre os museus e seus públicos foram submetidas às transformações de conceito e função. Da contemplação passiva e elitista no “*Museum*”, do acesso restrito às coleções e aos Gabinetes de Curiosidades, o presente oferece um movimento intenso em direção à popularização e a democratização da produção museal vindo de encontro com as ações educativas. De acordo com o ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, “os museus hoje podem ser compreendidos como fenômenos sociais complexos, que se apresentam, ao mesmo tempo, como lugares de

memória, de esquecimento, de criação e de tensão” (MOREIRA: 2008, 10). Ou seja, defende-se que os museus possuem a capacidade de atuar no sentido da inclusão social, da criação artística e científica, da preservação do patrimônio e da promoção do direito cultural de todos os cidadãos, pois permitem a transversalidade, de temas.

A principal técnica utilizada na atual pesquisa foi a observação participante, “onde o observador participante coleta dados através de sua participação na vida do grupo ou organização que estuda” (BECKER: 1997, 47). Com o uso desta técnica percebemos melhor as reações e comportamentos do público do MCG podendo assim aprimorar nossas ações educativas de modo a atendê-lo da melhor forma possível.

O museu como instituição cultural-educacional será sempre um desafio permanente aos seus funcionários e dirigentes uma vez que todo seu complexo estrutural e funcional prende-se à mentalidade humana, portanto, materializa o homem, criando, fazendo, agindo, sendo. Este desafio tem como aliado de solução as ações educativas dirigidas, que por sua vez, funcionam como um estímulo, uma sensibilização do público e dos envolvidos nos processos museológicos.

O desenvolvimento de ações educativas em museus passa por diversas barreiras, sejam impostas por um modelo de ensino não compatível com os objetivos do museu, seja pela diversidade de público ou mesmo pela resistência de algumas pessoas perceberem a importância que o museu pode ter para a educação, para a preservação da memória, da história dos envolvidos, enfim, da cultura de uma dada sociedade. Mas, como instituição permanente o museu sobrevive a todas as tensões da sociedade independente dos agentes envolvidos e de suas diversas funções, pois, volta-se basicamente para a construção do conhecimento.

As ações educativas apresentadas foram implantadas no decorrer do ano de 2009, tempo razoavelmente curto para criar o hábito de “consumir” o museu de uma forma satisfatória e, a partir deste prisma, organizada. A administração do MCG espera que com as ações educativas a sociedade como um todo se sinta inserida e estimulada a prestigiar este espaço que reflete de alguma forma a sua própria história. A manutenção da preocupação com o desenvolvimento de ações educativas diversificadas abrirá possibilidades para outras ações, como por exemplo, pesquisa de público, mas isso é assunto para outro projeto.

REFERÊNCIAS

- BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BREFE, A. C. F. Os primórdios do museu: da elaboração conceitual à instituição pública. In: *Projeto História*, São Paulo, p. 281-315, nov. 1998.
- CRUZ, M. R. *Museus reflexões*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.
- FENELON, D. R. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004.
- FERREIRA, A. & JOHANSEN, E. *Oficina de história IV*. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010.
- MOREIRA, G. P. G. *Relatório do 2º Fórum Nacional de Museus*. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.
- NASCIMENTO JUNIOR, J. O rumo da política nacional de museus. In: *Fórum Nacional de Museus*. Relatório: a imaginação museal – os caminhos da democracia. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU, 2004.
- RAMOS, F. R. L. Museu, ensino de história e sociedade. In: *Revista Trajetos*. Fortaleza: Departamento de História da UFC, vol. 1, nº 1, 2001.
- RÚSSIO, W. Cultura, patrimônio e preservação (Texto III). In: ARANTES, Antônio Augusto (org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: CONDEPHAAT/ Brasiliense, 1994.